

O diadema e Alexandre: a gênese da representação real helenística

Danilo C. Bernardino¹

Submetido em: 10/10/2020

Aceito em: 19/11/2020

Publicado em: 09/12/2020

Resumo

A ascensão de Alexandre, filho de Olímpia e Filipe, como rei da Macedônia certamente constitui um dos capítulos mais debatidos e fascinantes da história antiga do mundo mediterrâneo. A experiência macedônica modificou de forma permanente o contexto político da região, e, nesse sentido, há muito se debate acerca da natureza do novo e efêmero império fundado por Alexandre após a conquista do império persa. Para se tratar disso, um elemento se apresenta como fundamental: o diadema. Este adereço sem nenhuma complexidade ornamental aparente, mas de uma importância simbólica notável, já ao fim da vida de Alexandre se tornou a insígnia identificadora de seu poder real. Levando isso em consideração, torna-se evidente que compreender o diadema – isto é, sua origem, representação, e emulações – é determinante para se elaborar respostas mais convincentes sobre o caráter do novo império alexandrino. Pretende-se aqui demonstrar que a adoção do diadema é uma evidência de que Alexandre não deu sinais de que, dessa forma, sucedia a Dario como novo rei persa, tampouco dava continuidade a antiga tradição monárquica macedônica ou fundava um império essencialmente grego. Ao contrário, a adoção desse adereço como insígnia típica da realeza vai ao encontro da ideia de que o império de Alexandre deve ser encarado como uma experiência original que traduzia na própria representação real seu caráter multicultural.

Palavras-chave: Alexandre, o Grande; Diadema; Monarquias helenísticas; Império Aquemênida.

¹ Doutorando no programa de pós-graduação em Metafísica da Universidade de Brasília (Danilobernardo20@gmail.com).

Abstract

The rise of Alexander, son of Olympias and Philip as a king of Macedon certainly constitutes one of the most discussed and fascinating chapters regarding the ancient history of the Mediterranean World. The Macedonian experience had modified the political scenario of the region in a permanent way and, in this sense, there has long been a debate surrounding the nature of the newly-conceived and ephemeral empire founded by Alexander after his conquest over the Persian empire. In order to start dealing with this, there's a crucial element we have to consider: the diadem. This adornment with no apparent ornamental complexity had a remarkable symbolic importance, by the end of Alexander's life it had become the identifying banner of his true power. By taking this into account, it becomes evident that understanding the diadem – its origins, portrayals and emulations – reveals itself as being central to elaborating more convincing answers about the new Alexandrine empire's character. What's intended here is to demonstrate that the adoption of the diadem constitutes itself as an evidence that, by conquering the Persian empire, Alexander showed no signs that he would be succeeding Dario as a new Persian king, nor did he continue the old Macedonian monarchical tradition or even that he was founding an essentially Greek empire. On the contrary, the adoption of this adornment as a typical banner of royalty goes to show that the general idea of the Alexandrine empire must be faced as an original experience which translated in royal representation its multicultural character.

Keywords: Alexander The Great; Diadem; hellenistic monarchies; Aquaemenid empire.

It's also true that a particular ritual or symbol is never fixed or fossilized; instead, it changes and develops along with the society that expresses but not entirely comprehend it. It's very obscurity may assure it effectiveness. (BERTELLI, 2001, p. 2²)

A adoção do diadema como atributo fundamental da realeza durante o período conhecido como helenístico deve ser explicada a partir de seu estreito vínculo com a figura de Alexandre, afinal, foi ao longo da trajetória do rei macedônio que o adereço ganhou status de insígnia real *par excellence*. Melhor dizendo, a sua adoção pelos diádocos (sucessores de Alexandre) se configura como tentativa natural da apropriação do legado de seu antigo rei. Com isso posto, entende-se que uma análise do diadema é central para o entendimento não somente do período helenístico, mas também para cercar questões importantes sobre os objetivos do filho de Filipe.

Neste estudo, propõe-se como finalidade a demonstração de que a adoção de uma nova *regalia* por Alexandre, que dialogava com todas as porções de seu novo e grande império, fortalece a tese de que a monarquia alexandrina se constituiu como uma experiência original, isto é, como um novo império universal, mas diferente de seus antecessores mesopotâmicos (ainda que seguisse uma antiga tradição mesopotâmica) e distinto da tradicional monarquia macedônica (ainda que se trate de um rei macedônio). Para tanto, lance-se mão de um conjunto diversificado de fontes, como: fontes escritas – em sua maioria, bastante posteriores à vida de Alexandre e que, muitas vezes, se contradizem acerca do assunto –; o uso da numismática, tendo em vista a quantidade de referências ao diadema no que diz respeito à representação real em moedas helenísticas; e a arqueologia que, por sua vez, tem o mérito de trazer à tona uma materialidade imprescindível para uma análise de um objeto como o diadema.

² BERTELLI, Sergio. **The King's Body**. Tradução de R. Burr Litchfield. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001.

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, dividir-se-á a argumentação da seguinte maneira: primeiro, exposição do objeto e sua relação com o rei Alexandre, com o fito de demonstrar a importância adquirida pelo diadema para a representação real de Alexandre ainda em vida; segundo, problematização das teorias que cercam a origem da insígnia (grega ou persa), com o fim de estabelecer a influência exercida em Alexandre para a adoção do diadema; terceiro, contextualização e análise da apropriação do maior símbolo da nova monarquia de Alexandre após sua morte pelos seus generais, os novos reis helenísticos, de modo a verificar uma nova forma de poder real forjada a partir das conquistas do antigo rei da Macedônia.

1.1. O diadema e Alexandre

1.1.1. A estética do adereço

Antes de maior reflexão sobre os significados e implicações do uso do diadema, mostra-se de grande importância reservar a atenção para a descrição do objeto “diadema” adotado por Alexandre, com o intuito de facilitar a compreensão acerca do tema. De início, é interessante notar como o adereço se revela, em um primeiro olhar, no mínimo curioso, dada a sua desproporcionalidade, explicada pela radical oposição entre a complexidade de seu significado e a simplicidade de sua forma. Isso porque, se, por um lado, o diadema real detinha grande relevância simbólica para Alexandre e para os subsequentes reis helenísticos, sendo verificado, inclusive, na historiografia antiga que o ato de amarrar a fita na cabeça marcava a própria assunção da realeza, do mesmo modo que o ato de tirar o diadema simbolizava, por vezes, como verificado nas fontes, a queda do rei (DIOD., 31.15.2; PLUT., *Luc.*,28.5-6)³; por outro, com

³ DIODORO DA SICÍLIA. **Library of History**. Tradução de C. Bradford. Cambridge, MA. London: Harvard University Press, 1963.

PLUTARCO. **Plutarch's Lives: Demosthenes and Cicero. Alexander and Ceaser**. Tradução de Bernardotte Perrin. Cambridge. MA. London: Harvard University Press, 1967.

relação a sua estética, o diadema demonstra-se um objeto de surpreendente simplicidade, sem complexidade ornamental e de fácil uso. Nesse sentido, por ser feito de pano, e não de metal ou adornado com pedras preciosas, assume-se que Alexandre, assim como os reis helenísticos, possuíam, inclusive, mais de um diadema, devido à fragilidade material do adereço. Logo, o objeto de estudo se configura como um adorno simples e que, por essa razão, poderia parecer em um olhar desavisado um item desprovido de importância, quando, na realidade, constitui-se como um símbolo muito valioso diante do seu significado oculto, presente detrás de sua forma.

A palavra “diadema” tem origem no verbo grego *diadeo*, que significa “amarrar ao redor”, e foi primeiro usada nesses termos e em fontes relacionadas a Alexandre por Xenofonte em sua descrição dos trajes utilizados pelo fundador da dinastia Aquemênida, Ciro II (XEN. *Cyr.*, 8.3.13⁴). Como objeto, o diadema pode ser descrito no referido contexto como uma simples e estreita fita, feita de pano, que poderia variar, tanto na época de Alexandre quanto em todo o período helenístico, nas cores branca, púrpura e branca com detalhes em dourado, ou púrpura. No que diz respeito à forma de uso, a fita era amarrada com um nó acima da testa, deixando duas longas faixas soltas sobre a nuca (STROOTMAN, 2007⁵; HAAKE, 2009; COLLINS, 2012). Na Figura 1, de modo a exemplificar o uso típico dessa insígnia real pelos reis helenísticos, observa-se uma moeda cunhada por Ptolomeu *Soter*, fundador da dinastia Ptolomaica e general de Alexandre, na qual é notada, na porção obversa, a representação do rei com o diadema real, posicionado acima da linha da testa e com uma perceptível sobra da fita na nuca, como de costume.

⁴ XENOFONTE. **Cyropaedia**. Tradução de Walter Miller. Cambridge, MA. London: Harvard University Press, 1960.

⁵ STROOTMAN, Rudolf. **The Hellenistic Royal Court. Court Culture, Ceremonial and Ideology in Greece, Egypt and the Near East 336-30 BCE**. Tese, Ph.D. Rotterdam: Utrecht University, 2007; COLLINS, Andrew W. “The Royal Costume and Insignia of Alexander the Great”. **American Journal of Philology**, Baltimore, v. 133, n. 3, pp. 371-402, 2012; LICHTENBERGER, Achim; MARTIN, Katharina; NIESWANDT, Helge; SALZMAN, Dieter. **Das Diadem der Hellenistischen Herrscher**. Münster: Euros, 2009.



Figura 1
Ptolomeu I, 305-283 a.C.
Fonte: SALZMANN, 2009, p. 362.

Alexandre costumava usar o diadema junto com uma espécie de touca (chapéu) macedônica, chamada *kausia* (ARR., 7.22.1-4)⁶⁷⁸. Ao contrário do diadema, a *kausia* se portava como um ornamento usado não apenas por Alexandre (isto é, não apenas de uso exclusivo da realeza), mas também por toda a nobreza macedônica desde tempos remotos (COLLINS, 2012; LICHTENBERGER, 2009). No entanto, o uso em conjunto (*kausia* com um diadema) constitui-se como uma composição da indumentária real apenas a partir de Alexandre. Para melhor visualização, na Figura 2 se observa o obverso de um tetradracma de prata que apresenta a imagem do rei da Bácia, Antímaco I, usando uma composição de trajés exclusivos dos reis helenísticos: a *kausia* macedônica, juntamente com o diadema real (*kausia diadematosphoros*), da mesma maneira que teria sido usado por Alexandre.

⁶ ARRIANO. **Anabasis of Alexander**. Tradução de P. A. Brunt. Cambridge, MA. London: Harvard University Press, 1983.

⁷ Apesar da explícita menção da *Kausia* usada em conjunto com o diadema por Alexandre, o uso dessa combinação antes da morte do rei macedônio é visto com desconfiança e rechaçado por parte da literatura especializada, sendo visto como uma projeção anacrônica do período helenístico (LICHTENBERGER, 2009).

⁸ Ver também: *FGrH* 126 F 5.26-28 = Ath. 12.537e-538b.



Figura 2
Antímaco I, 185-170 a.C.
American Numismatic Society

1.1.2. A adoção do diadema e a sua importância constatada ainda na vida de Alexandre

A adoção dessa fita têxtil como símbolo real aconteceu em dado momento durante a vida do rei Alexandre e, com o passar dos anos, ganhou tal importância ao ponto de se tornar o maior atributo identificador do seu novo império. A seguir, primeiramente, se questionará o momento em que o diadema teria sido incorporado como *regalia* pelo rei dos macedônios e o significado dessa adoção nesse instante. Adiante, a partir dos relatos encontrados nas fontes principais, se evidenciará essa importância supracitada adquirida pelo adereço para a representação monárquica, o que pode ser constatado já no fim da vida de Alexandre e na forma como o diadema foi usado pelos reis que o seguiram.

Sobre o momento da adoção do diadema pelo rei Alexandre, há, de um lado, uma tradição oriunda de Cleitarco, na qual é instituído que o diadema foi apropriado pelo rei macedônio como mais um dos atributos persas adotados por ele após a morte de Dario (DIOD., 17.77.5-6; JUST., 12.3.8; CURT., 6.6.4; 6.6.5⁹). Justino, por exemplo, relata que Alexandre adotava

⁹ JUSTINO. *Justin. Epitome of the Philippic history of Pompeius Trogus*. Tradução de J.C. Yardley. American Philological Association, 1994; QUINTO CÚRCIO. *History of Alexander*.

os trajes daqueles que ele mesmo conquistou, entre eles o diadema, o que causou certa perturbação entre os macedônios. Indo ao seu encontro, Quinto Cúrcio escreve que a apropriação do diadema, assim como de outros trajes aquemênidas, se portava como a apropriação dos espólios de guerra dos derrotados, os persas. Essa narrativa do diadema persa foi adotada por parte da historiografia como uma evidência da sucessão de Dario por Alexandre, considerando a importância desse adereço para a representação real do rei macedônio. Contudo, o grande símbolo da monarquia persa era, na verdade, a *tiara orthe*¹⁰, que quase certamente não foi um dos itens adotados por Alexandre dentre aqueles explicitamente descritos nas fontes (PLU., *Alex.*, 45.2). Portanto, tal conexão é falha, e a versão de que o diadema teria sido incorporado oficialmente após a morte de Dario como mais um atributo da monarquia persa não deve ser aceita precipitadamente. Nesse sentido, Fredricksmeyer (1997¹¹) é enfático ao afirmar que Cleitarco não é uma das fontes mais confiáveis, dado que sequer esteve presente durante a campanha de Alexandre na Ásia. Hammond (1986¹²), por sua vez, alerta que Cleitarco era, na verdade, um notório romancista e que esses relatos não podem ser vistos como relatos históricos confiáveis. Logo, Cleitarco teria cometido um erro de inferência ao concluir que o diadema faria parte do conjunto de trajes e hábitos adotados por Alexandre de Dario. Talvez pelo fato de o uso do diadema pelo rei macedônio e a sua incorporação de elementos estrangeiros terem

Tradução de John C. Rolfe. Cambridge. MA. London: Harvard University Press, 1946.

¹⁰ O adereço genérico “tiara” não era de uso incomum na comunidade aquemênida e em seus vizinhos, sendo, inclusive, usado por várias camadas da sociedade (M. ROAF, 1983; NIESWANDT, 2009). O próprio Xerxes teria presenteado o povo de Abdera com uma tiara revestida de ouro com o objetivo de ganhar a sua fidelidade (HDT., 8.120). No entanto, a tiara utilizada de forma exclusiva pelo Grande Rei, como descrito na comédia *As Aves* de Aristófanes (AR., Av., 485), se diferenciava de todas as outras por ser ereta – *orthe* –, isto é, com o topo erguido, provavelmente, mediante suportes internos, por isso chamada de *tiara orthe* – *kidaris*; *kiraris*; *kyrbasia* (SHAHBAZI, 2011).

¹¹ FREDRICKSMEYER, Ernst. “Alexander the Great and the Kingship of Asia”. In: BOSWORTH, A. B., BAYNHAM, E. J. (Org.). **Alexander the Great in Fact and Fiction**. Oxford: Oxford University Press, 2000, pp. 136-166.

¹² HAMMOND, Nicholas. **The Kingdom of Asia and the Persian Throne**. University of Adelaide: Cambridge University Press, 1986.

sido informações amplamente conhecidas, Cleitarco pode ter sido levado a correlacioná-las. Isso posto, entende-se que a adoção do diadema provavelmente não ocorreu nesse momento, isto é, junto com outros trajes persas, mas, na verdade, um pouco antes da morte de Dario.

Assim como foi defendido por Fredricksmeier (1997) e julgado como tese bastante plausível por Haake (2009), parece ser mais coerente inferir que o uso da fita que viria a se tornar o maior atributo do poder de Alexandre tenha acontecido logo após a batalha de Gaugamela, em Arbela, durante os banquetes oferecidos pelo rei, ou seja, cerca de um ano antes das alegações de adoção do diadema juntamente com outros trajes persas. Isso se explica, pois após a batalha derradeira contra Dario, Alexandre teria oferecido um grande banquete no qual teria adotado o título de *Basileus de tes Asiase* oferecido terras e riquezas aos seus macedônios, além de ratificar o seu compromisso com os gregos (PLUT., *Alex.*, 34.1). Apesar de não dar maiores detalhes, Justino (10.11.2) também menciona o fato de que, após o êxito, Alexandre teria organizado uma imponente cerimônia formal. Sabendo disso, parece ser mais provável pensar que o grande banquete oferecido em Arbela se revela como um evento muito mais propício para a adoção pública daquele que viria a ser a sua maior insígnia, sendo esse momento um marco de ruptura, fortalecimento dos laços com os seus aliados e de adoção de uma nova titulação. Por conseguinte, a adoção oficial do diadema parece ter ocorrido nesse momento, e não após a morte de Dario, mesmo que isso não seja encontrado explicitamente nas fontes.

Tendo estabelecido o contexto de adoção do diadema em Arbela, ocupa-se agora em demonstrar a importância adquirida por esse objeto já durante a vida de Alexandre. Primeiro, em um fragmento de Epphippus (Ath., 12.537e-538b), contemporâneo de Alexandre, Ateneu narra que o rei macedônio “quase todos os dias vestia um manto roxo, com um robe púrpura com uma listra branca, e a macedônica *kausia* atrelada ao diadema real”. O uso da expressão “diadema real” (*to diadema to basilikon*) por Epphippus se mostra como um indicativo de que, a partir de

certo momento, de fato, o diadema já era apresentado como uma insígnia tipicamente real no círculo alexandrino (COLLINS, 2008¹³). Contudo, entende-se que mais do que um atributo componente do traje real, o diadema cumpria um papel central para a identificação monárquica. Como exemplo disso, há uma passagem de Arriano localizada já ao fim da campanha – na Babilônia – bastante curiosa, mas também de grande importância para essa questão:

Enquanto Alexandre navegava pelo pântano [...] um forte vento levou a sua *kausia* e o seu diadema preso a ele. A *kausia* por ser mais pesada afundou no rio, enquanto o diadema foi levado pela brisa até cair na água. [...] Por si só, isso já pareceu um presságio do destino. Além disso, um dos navegadores pulou para resgatar o diadema e, tendo chegado ao objeto, não conseguiu carregá-lo em suas mãos, uma vez que o molharia no momento em que fosse nadar. Logo amarrou o diadema na cabeça. A maioria dos historiadores (*anagrafantos*) relata que Alexandre recompensou o homem com um talento, mas ordenou que o homem fosse decapitado, já que os profetas aconselharam não deixar viva uma cabeça que havia possuído o diadema. Já Aristóbulo relata que o homem recebeu um talento, mas foi açoitado por amarrar a fita na cabeça¹⁴. (ARR., 7.22.2-4)

Na passagem acima, é nítida a percepção de que o diadema materializava,

¹³ COLLINS. *The Transformation of Alexander's Court: The Kingship, Royal Insignia, and Eastern Court Personnel of Alexander The Great*. Tese, Ph.D. Dunedin: University of Otago, 2008.

¹⁴ No original, em grego: τῶν βασιλέων τῶν Ἀσσυρίων τοὺς τάφους ἐν ταῖς λίμναις τε εἶναι τοὺς πολλοὺς καὶ ἐν τοῖς ἔλεσι δεδομημένους. ὡς δὲ ἔπλει Ἀλέξανδρος κατὰ τὰ ἔλη, κυβερνᾶν γὰρ αὐτὸν λόγος τήντριήρη, πνεύματος μεγάλου ἐμπειρόντος αὐτῶ ἐς τήνκαυσίαν καὶ τὸ διάδημα αὐτῇ συνεχόμενον, τὴν μὲνδὴ οἶα βαρυτέραν πεσεῖν ἐς τὸ ὕδωρ, τὸ διάδημα δὲ ἀπενεχθὲν πρὸς τῆς πνοῆς σχεθῆναι ἐν καλάμῳ: τὸν κάλαμον δὲ τῶν ἐπιπεφυκόντων εἶναι τάφῳ τινὶ τῶν πάλαι βασιλέων, τοῦτό τε οὖν αὐτὸ πρὸ τῶν μελλόντων σημεῖναι καὶ ὅτι τῶν τῆς ναυτῶν ἐκνηξάμενος ὡς ἐπὶ τὸ διάδημα ἀφελῶν τοῦ καλάμου αὐτὸ μεταχειρᾶς μὲν οὐκ ἤνεγκεν, ὅτι νηχομένου ἂν αὐτοῦ ἐβρέχετο, περιθεὶς δὲ τῇ κεφαλῇ τῇ αὐτοῦ οὕτω δι ἤνεγκε. Καὶ οἱ μὲν πολλοὶ τῶν ἀναγραψάντων τὰ Ἀλεξάνδρου λέγουσιν ὅτι τάλαντον μὲν ἐδωρήσατο αὐτῷ Ἀλέξανδρος τῆς προθυμίας ἕνεκα, ἀποτεμῆν δὲ ἐκέλευσε τὴν κεφαλὴν, τῶν μάντεων ταύτῃ ἐξηγησαμένων, μὴ περιθεῖν σώαν ἐκείνην τὴν κεφαλὴν ἥτις τὸ διάδημα ἐφόρησε τὸ βασιλείου: Ἀριστόβουλος δὲ τάλαντον μὲν ὅτι ἔλαβε λέγει αὐτόν, ἀλλὰ πλὴγὰς λαβεῖν τῆς περιθέσεως ἕνεκα τοῦ διαδήματος.

já durante a vida de Alexandre, a síntese de seu poder monárquico, após as conquistas levadas a cabo na Ásia, uma vez que não poderia sequer ser colocado na cabeça de outra pessoa, senão a do próprio rei. Mais interessante ainda é perceber que Arriano não descreve o evento a partir de apenas uma tradição historiográfica, na qual o homem é decapitado, mas robustece a narrativa com a menção a uma outra tradição acerca do acontecimento, oriunda de Aristóbulo, que não narra a decapitação, mas uma outra punição, o açoitamento. Dessa forma, há motivos para se creditar o relato de Arriano como válido.

Ademais, em outro momento, durante um desentendimento com o exército macedônio deflagrado em Ópis, durante o retorno à Babilônia, Arriano narra que o rei dos macedônios teria dito aos seus comandados:

[...] Babilônia é de vocês, assim como a Bactria e Susa; a riqueza da Lídia, os tesouros da Pérsia, as coisas boas da Índia, o mar distante, tudo é de vocês[...]. Dessa forma, o que sobra para mim? De todas essas benesses eu fico apenas com esse manto roxo e o diadema? Eu não peguei nenhuma riqueza para mim [...]¹⁵. (ARR., 7.9.8-9)

Esse trecho se torna muito significativo, já que, mais uma vez, desvela a proximidade estabelecida entre o rei Alexandre e o diadema. Na passagem, o rei se coloca em uma situação de benevolência diante dos seus macedônicos em função da crise causada pela dispensa de veteranos¹⁶, dizendo que a ele não havia sido entregue nada, com

¹⁵ No original, em grego: καὶ Βαβυλῶν καὶ Βάκτρα καὶ Σοῦσα ὑμέτερα, καὶ ὁ Λυδῶν πλοῦτος καὶ οἱ Περσῶν θησαυροὶ καὶ τὰ Ἰνδῶν ἀγαθὰ καὶ ἡ ἔξω θάλασσα ὑμέτερα: ὑμεῖς σατράπαι, ὑμεῖς στρατηγοί, ὑμεῖς ταξιάρχαι. ὡς ἔμοιγε αὐτῶ τί περίεστιν ἀπὸ τούτων τῶν πόνων ὅτι μὴ αὕτη ἡ πορφύρα καὶ τὸ διάδημα τοῦτο: κέκτημαι δὲ ἰδίᾳ οὐδέν, οὐδὲ ἔχει τις ἀποδείξει θησαυροῦς ἐμούς ὅτι μὴ ταῦτα.

¹⁶ Parte da historiografia especializada apresenta esse evento ocorrido em Ópis como um motim. No entanto, a indisciplina deflagrada após o anúncio da dispensa de alguns veteranos (323 a.C.) não é entendida na presente pesquisa dessa forma, ou como uma revolta, nos sentidos estritos dos termos, por isso a supressão de tais terminologias para caracterizar o evento. A causa disso está no fato de esses conceitos trazerem à mente aspectos que não estão presentes na vida militar macedônica, como: obediência militar absoluta e separação de direitos e comportamentos entre cidadão macedônio e soldado macedônio. Nesse sentido, segundo Carney (1996), seus conceitos são um fenômeno moderno, que coincidem com o desenvolvimento dos Estados modernos

exceção da própria realeza, aqui simbolizada pelo diadema. Sobre isso, cabe pontuar que, mesmo que Arriano tenha preservado de fato palavra por palavra o que Alexandre disse, o que evidentemente é discutível, deve-se pensar no sentido do discurso como um todo, podendo ser o uso exato das palavras apenas um recurso retórico do historiador antigo. No caso, é perceptível que Arriano, apoiado em fontes próximas temporalmente ao rei Alexandre, estabelece uma relação direta entre a monarquia e a insígnia, diadema.

Essa importância do diadema para a representação de Alexandre ainda pode ser verificada em relatos que narram eventos ocorridos após a morte do rei. Um exemplo claro disso é descrito por Quinto Cúrcio, em um discurso de Filipe Arrideu, no qual o meio irmão de Alexandre, na incômoda posição de novo rei macedônio, faz um apelo para que se chegasse a uma solução harmônica sobre a divisão do império e da coroa macedônica:

Então, com lágrimas nos olhos, ele tirou o diadema de sua cabeça e estendeu-o em sua mão direita, para que caso alguém julgasse ser mais merecedor da realeza que pegasse. Essa atitude aflorou grande esperança sobre o seu caráter, que antes daquele dia estava obscurecido diante da fama do irmão. (QUINTO CÚRCIO, 10.8.20)

Nas palavras de Quinto Cúrcio, o diadema, mais uma vez, é usado como o símbolo materializador do poder de Alexandre, sendo a sua apropriação a própria assunção do legado do rei macedônio. Esse relato vai ao encontro de outros que versam sobre momentos posteriores à morte do rei e que também sugerem a importância desse adereço para a realeza de Alexandre (DIOD., 18.60.5; 61.3; ARR., *Dem.*, 53.2-18). Essas passagens são de grande importância pois, apesar de narrarem eventos *post mortem*,

nacionais e o ideal de separação do campo político e militar. Dessa forma, seu uso acarretaria um sentido anacrônico, na medida em que assume estruturas e valores não existentes no recorte histórico estudado. A questão a ser descrita é um ato de indisciplina, mas não no sentido atual, militar, na qual divergir de um indivíduo hierarquicamente superior significa, necessariamente, estar errado, ou fazer parte de um motim.

é fundamental lembrar que, para os seus sucessores, o *nomos* implantado pelo rei ainda era válido e deveria ser utilizado com propósitos de legitimação política.

Dessa forma, levando em consideração o exposto e seguindo a conceituação feita por Strootman (2007), pode-se definir o diadema, durante o reinado de Alexandre e após a sua morte – com o estabelecimento dos reis subsequentes –, como um objeto que se enquadra no conceito de *regalia*. Isto é, um atributo utilizado exclusivamente pelo sujeito que ocupa a posição de rei, um símbolo monárquico *par excellence*. Tais objetos imbuídos dessa qualidade se tornam capazes de transformar homens em personificações do poder real, conferindo-lhes essa legitimidade. Assim sendo, comunicam aos súditos o carisma e o *status* do rei, de modo a tornar conceitos ideológicos visíveis a todos. O diadema deve ser encarado como uma típica *regalia*, afinal, cumpria todas essas exigências, tendo sido um objeto materializador – exclusivo – do poder monárquico de Alexandre, assim como verificado nas fontes.

1.2. Origens do diadema

Sabe-se do uso e da importância assumida pelo diadema ao longo da trajetória de Alexandre. No entanto, com o intuito de desenvolver essas conclusões, e compreender a própria lógica de poder implantada pelo rei macedônio, ainda deve-se perguntar: afinal, qual é a origem do diadema? Tal pergunta é central para qualquer pesquisa que cerque questões relacionadas ao poder real de Alexandre, uma vez que questiona o caráter simbólico proposto pelo rei para a sua nova monarquia. No entanto, essa indagação ainda permanece como ponto de ampla divergência na historiografia especializada. A seguir, serão discutidas as principais teorias sobre a origem do diadema, visitando seus argumentos fortes e seus pontos fracos. Desse modo, pretende-se, ao fim, esboçar uma explicação coerente para a questão, de maneira a fortalecer a tese defendida de que o

projeto monárquico de Alexandre se constituía como uma experiência original.

1.2.1. Origem macedônica

Entre as teorias que cercam a origem do diadema helenístico, a que estabelece uma origem exclusiva na monarquia macedônica é certamente a mais desacreditada. No entanto, como se demonstrará, uma investigação sobre o uso do diadema no âmago da dinastia Argeada pode contribuir em muito para uma melhor e mais ampla compreensão no que diz respeito ao seu significado.

Nessa tese, o uso do diadema seria apenas uma continuidade promovida pelo rei Alexandre de uma mais antiga tradição real macedônica. Isso se explicaria naturalmente, pois Alexandre ainda era, por um lado, um rei macedônio, herdeiro do posto e dos planos de Filipe II. Dessa maneira, após as conquistas na Ásia, o diadema poderia ser traduzido como uma continuidade do legado macedônico, isto é, um símbolo procedente dos costumes argeadas, dado que também foi usado como insígnia legitimadora pelos antigônidas (sucessores da dinastia argeada após a morte de Alexandre) na própria Macedônia. Na tentativa de identificar essa hipotética tradição, poder-se-ia sugerir como evidência, o chamado “medalhão de Tarso”, no qual está representada a imagem do pai de Alexandre, Filipe II, usando o típico diadema componente do traje real helenístico.



Figura 3
Medalhão de Tarso, Filipe II
Fonte: LICHTENBERGER, 2009, p. 166.

Além disso, uma evidência possível para uma origem macedônica do diadema seria outra representação de Filipe II, agora em mármore, também utilizando um diadema:



Figura 4

Filipe II

Fonte: LICHTENBERGER, 2009, p. 164.

No entanto, essas duas evidências não correspondem à época de Filipe II, tampouco à de Alexandre, uma vez que são datadas do período romano (LICHTENBERGER, 2009). Logo, metodologicamente, não poderiam ser utilizadas como evidências conclusivas para um período pré-helenístico, no que diz respeito ao uso do diadema antes de Alexandre por reis macedônios. Ao contrário, essas peças se revelam como projeções anacrônicas do período romano, ainda mais quando estão ligadas a uma figura tão próxima ao próprio Alexandre, e não a um rei macedônio mais distante.

Além dessas fontes, algo de fato intrigante ocorreu quando, durante o final dos anos 1970, uma pesquisa arqueológica liderada por Andronikos teria desvelado a famosa e suposta tumba de Filipe II em Aigai, antiga capital macedônica¹⁷. Isso porque, entre os objetos encontrados, um adereço feito

¹⁷ O verdadeiro dono desse sepulcro permanece como um ponto de divergência na bibliografia

de metal semelhante a um diadema foi descoberto, levantando suspeitas sobre quem ali havia sido velado e a função real do diadema na corte macedônica.



Figura 5
Diadema dourado
Museu Arqueológico de Thessaloniki

Apesar de esse objeto realmente parecer simular uma fita de pano, devido aos detalhes cravados no metal, a sua ligação com o diadema helenístico foi vigorosamente rechaçada por Lichtenberger (2009) e Fredrickmeyer (1997). A razão disso está no fato de que, levando em consideração tudo o que se sabe sobre o diadema, em nenhum momento este foi apresentado, ou mesmo representado, como peça de metal ou pedra valiosa (mesmo em parte). Logo, o objeto encontrado estaria mais próximo a um artifício usado para a fixação da *kausia*, como pode ser aferido na chamada cabeça de *Kalymnos*, uma vez que podia ter o diâmetro ajustado. Dessa forma, trata-se de um atributo usado por qualquer homem em posição social mais elevada, inclusive, o próprio rei, mas não como uma *regalia*, como o diadema de Alexandre e dos reis helenísticos.

Em combinação com a falta de evidências, ainda se poderia trazer à tona uma passagem rápida de Justino (12.3.8), na qual é posto que o diadema incorporado por Alexandre, durante a sua campanha à Ásia, não era sequer conhecido pelos reis da Macedônia antes dele. Desse modo,

especializada (ANDRONIKOS, 1979; FREDRICKSMEYER, 1997; LICHTENBERGER, 2009).

parece ser mais coerente assumir que uma explicação somente focada na tradição macedônica para a origem do diadema de Alexandre não vai ao encontro das evidências disponíveis. Ainda que se saiba da existência de fitas que eram amarradas ao redor da cabeça em uma Macedônia pré-helenística¹⁸, como é atestado, por exemplo, nas moedas cunhadas em Pella e Amphipolis, no século V a.C., essas parecem estar mais ligadas à tradição grega das chamadas fitas da vitória (*Siegerbinde*), e, por isso, não há razões para validar o argumento de que seriam exclusivas do rei, mas apenas um adereço de distinção social, dado que nas referidas moedas a identificação do rei é obscura (LICHTENBERGER, 2009). Melhor dizendo, o diadema adotado pelo rei Alexandre e incorporado pelos reis helenísticos não tem origem exclusiva em tradição oriunda da Macedônia.

1.2.2. Origem grega

A ideia de que o diadema helenístico foi aderido em função de uma origem grega é ampla, subdividindo-se em uma procedência advinda do deus Dioniso, posição adotada por Fredricksmeyer (1997), e uma origem nas chamadas *tainai*, ou *stephanoi*, isto é, as fitas da vitória gregas, tese defendida por Alföldi (1985¹⁹). De acordo com essa tradição, o diadema, *ressignificado* no período helenístico, teria sido incorporado por Alexandre em um esforço de se colocar como um conquistador grego diante de seus novos súditos. Essa ideia não parece de todo estranha, afinal as fontes fornecem vários indícios de que o novo império arquitetado por Alexandre, apesar de se configurar como um império universal heterogêneo, se comportava como uma ideia construída a partir de alicerces gregos. Nessa lógica, a porção grega da zona de influência do rei macedônio, em todos

¹⁸ Moedas macedônicas cunhadas durante o século V a.C. apresentam rostos com uma fita amarrada que não parece corresponder ao diadema, como era usado pelos reis helenísticos, o que sugere a não existência de uma tradição macedônica estabelecida para o diadema.

¹⁹ ALFÖLDI, A. "Diadem und Kranz". In 44 v.Chr. I: **Studien zu Caesars Monarchie und ihren Wurzeln** (Antiquitas 3/16), 1985, pp. 105-131.

os momentos da expedição, recebeu atenção especial do rei²⁰.

De modo a investigar uma origem em Dioniso para o diadema, um forte argumento usado para a defesa dessa tese é a proximidade conhecida entre Alexandre (e toda a dinastia Argeada) e essa divindade²¹. Primeiro, em Heródoto (8.137.1-138.3²²), Dioniso teria recebido um papel especial na mitologia da própria fundação da dinastia Argeada²³. Segundo, é relatado em Plutarco (*Alex.*, 2.6) que Olímpia, mãe de Alexandre, era uma grande devota do deus, tendo sido “afetada por essas possessões divinas mais do que qualquer outra mulher”. E terceiro, foi durante a sua estadia na Macedônia, no seio da corte argeada, que o tragediólogo, Eurípedes, escreveu *As Bacantes*, tragédia que tem como personagem central o deus Dioniso. Tendo observado isso, Fredricksmeyer (1997) defende que Alexandre teria iniciado sua campanha contra os persas usando como o seu modelo de herói o próprio Dioniso, e o diadema se comportaria nesses termos como uma materialização desse desejo.

Voltando-se para as fontes, de modo a desenvolver essa ideia, cita-se o relato de Plínio, o Velho, que, em sua *História Natural*, destaca em uma breve passagem: “*Liber Pater* instituiu a compra e a venda, e também o emblema da realeza, o diadema, e a processão triunfal”²⁴ (*Nat.*, 7.191²⁵). Em outra fonte literária, Diodoro também confirma uma origem dionisíaca para o diadema real:

²⁰ Ver tópico 1.2.3.

²¹ Cf. STROOTMAN, 2007, p.370,

²² HERÓDOTO DE HALICARNASSO. **Histórias**. Tradução de A. D. Godley. Cambridge, MA. London: Harvard University Press, 1938.

²³ Isso, caso considerarmos que, quando Pérδικas recebe legitimidade real para reinar na Macedônia do deus Helios, ele o recebe a partir de uma manifestação de Dioniso. Como suporte a essa tese, existem evidências do culto a Dioniso-Solar na Trácia, ao norte da Macedônia (FREDRICKSMEYER, 1997).

²⁴ No original, em latim: *emere ac vendere, iastituit Liber pater, idem diadema, regium insigne, et triumphum invenit.*

²⁵ PLÍNIO. **Natural History**. Rackham. Cambridge. MA. London: Harvard University Press, 1961.

Além disso, para impedir as dores de cabeça causadas pelo excesso de bebida, dizem que ele [Dioniso] usava uma fita (Mitra) ao redor da cabeça, e essa era a razão para ele ser chamado de *Mitrephorus*, e teria sido essa fita que teria permitido tempos depois a introdução do diadema dos reis²⁶. (DIOD., 4.4.4)

Em dois autores, portanto, podemos encontrar expressamente uma genealogia do diadema real ligado ao deus Dioniso. Plínio faz uso do termo latino *Pater Liberis*, uma referência direta ao deus grego Dioniso, incorporado ao panteão romano²⁷. Diodoro institui um processo transformador sofrido pelo adereço que passaria primeiro pela *mitra* dionisíaca até o seu desenvolvimento como diadema real, como usado pelos diádocos. Além disso, Diodoro sugere que sua informação é proveniente de fontes diferentes (*legusin*), o que pode contribuir para o fortalecimento de sua credibilidade. No entanto, como visto acima, Diodoro, em outro momento (17.77.5-6), fornece outra versão e escreve que o diadema de Alexandre seria oriundo dos trajes persas adotados pelo rei macedônio após a morte de Dario. Essa contradição enfraquece a narrativa de Diodoro, ao mesmo tempo em que indica que essas duas tradições coexistiam durante o período helenístico.

Ainda diante do relato de Diodoro, é interessante ressaltar que, apesar de se saber que as histórias sobre a incursão de Dioniso na Ásia foram amplamente conhecidas em uma Macedônia pré-Alexandre (COLLINS, 2012), o que é usado como um indício para localizar o diadema real de Alexandre como insígnia com origem na mitra de Dioniso, Diodoro não faz nenhuma relação entre a adoção da mitra pelo deus e a conquista da Ásia; pelo contrário, ele diz que a fita seria apenas usada para aliviar as dores de cabeça provocadas pelo excesso de ingestão de bebida alcoólica. Logo, nesses termos, uma possível adoção da mitra por Alexandre como

²⁶ No original, em grego: πρὸς δὲ τὰς ἐκ τοῦ πλεονάζοντος οἴνου κεφαλαλγίας τοῖς πίνουσι γινομένας διαδεδέσθαι λέγουσιν αὐτὸν μίτρα τὴν κεφαλὴν, ἀφ' ἧς αἰτίας καὶ μιτρηφόρον ὀναμάζεσθαι: ἀπὸ δὲ ταύτης τῆς μίτρας ὕστερον παρὰ τοῖς βασιλεῦσι καταδειχθῆναι τὸ διάδημά φασι.

²⁷ Ver TAC., *Hist.* 5.5.

símbolo de sua invasão na Ásia em referência à jornada de Dioniso por essas terras, como defende Fredricksmeier, não faz sentido, uma vez que tal relação não existiria.

Na iconografia grega, Dioniso é tipicamente retratado com um ramo de flores e com uma fita amarrada em sua cabeça, posicionada no meio da testa, mitra²⁸. Acerca disso, cabe salientar que o uso dessa fita se torna, em meados do século V a.C., não apenas um atributo integral de sua representação, mas também um atributo exclusivo. Abaixo, alguns exemplos nos quais Dioniso é representado com uma fita na testa.

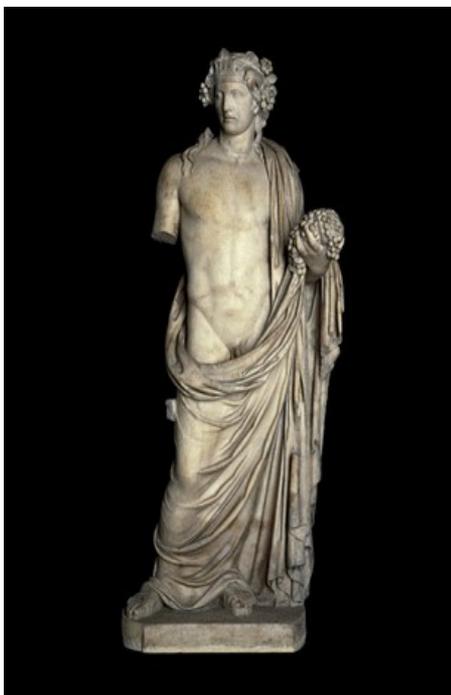


Figura 6
Cópia romana de original grego do século III a.C.
Museu Britânico

²⁸ A representação iconográfica de Dioniso sofre um processo de mudança ao longo dos séculos VI e IV a.C. Nesse período, o deus era apenas representado com um ramo de flores na cabeça, mas ao longo do século V a.C., entra em cena a fita amarrada em sua testa (MEYER, 2009).



Figura 7
Sicília, Naxos, (430-420 a.C.)
Coleção particular

Nesse sentido, sabendo da forte ligação entre Dioniso e um adereço amarrado ao redor de sua cabeça, uma evidência usada para identificar o diadema real oriundo de Dioniso é uma representação feita por Ptolomeu do antigo rei macedônio, na qual Alexandre aparece com os atributos comuns ao deus (escalpo de elefante e os chifres de âmbar), incluindo a mitra:



Figura 8
Representação de Alexandre III por Ptolomeu I, 305-283 a.C.
Museu de Berlim

Contudo, uma defesa para a origem do diadema em Dioniso enfrenta sérios problemas de forma. Primeiro, como pôde ser observado, a mitra usada por Dioniso era usada na testa, abaixo da linha do couro cabeludo, isto é, ao contrário do diadema real helenístico, que era usado acima da testa. Segundo, a sobra da fita que cai sobre a nuca, característica do diadema helenístico, não é observada na iconografia de Dioniso com o seu uso da mitra. Assim, conclui-se que, na representação de Alexandre feita por Ptolomeu, Alexandre é apresentado como Dioniso, portando uma mitra (assim como outros atributos do deus), mas, pelos motivos já apresentados, esse adereço não se relaciona diretamente com o diadema real adotado por ele e usado por Ptolomeu como uma *regalia*. Esses pontos de distinção são importantes dado que uma possível falta de critério com os detalhes da representação real não se ajusta com a lógica do referido contexto, na qual a legitimação mediante atributos simbólicos era algo de grande importância, sendo manejado de forma cuidadosa.

Logo, sobre a mitra de Dioniso, entende-se que foi associada com o deus já em um período bem anterior à época de Alexandre, mas que era um objeto distinto do diadema real devido a sua possível ligação com a ingestão de bebida, e não com a conquista da Ásia, e também a sua forma, significativamente diferente do diadema helenístico (COLLINS, 2008).

Outra possibilidade para uma origem grega do diadema helenístico está nas fitas gregas da vitória, *tainai*, amarradas ao redor da cabeça dos atletas gregos vencedores em competições esportivas. Lehman (2009) defende que essa tese faz sentido, pois os novos reis helenísticos estavam, antes de tudo, inseridos em uma tradição aristocrática grega na qual a vitória na prática esportiva já fazia parte do quadro habitual da vida da elite. Sabendo disso, teria se observado com o passar do tempo uma transferência do caráter simbólico do adereço de uma esfera esportiva para uma esfera política, em que uma ideologia da vitória advinda da vida social no *gymnasium* é incorporada a uma ideologia legitimadora. Essa ideologia teria influenciado fortemente os reis helenísticos, que, dessa

forma, eram comumente representados como verdadeiros vencedores em combate. Nesse sentido, as *tainai* seriam esse elemento grego de legitimação política que identificava o rei como um vitorioso. Logo, diadema, oriundo dessas fitas distribuídas aos vencedores, se portaria como um elemento helenizador usado pelos reis helenísticos diante de seus novos súditos não gregos – movimento do qual ainda faziam parte outros elementos da Paideia grega, como o teatro e a poesia.

De maneira a refletir sobre essa tese, na Figura 9, observa-se uma cópia de mármore de uma escultura de Policleto, Diadúmeno, do século V a.C., que se caracteriza como exemplar típico do uso da fita da vitória grega distribuída em competições esportivas do período clássico.

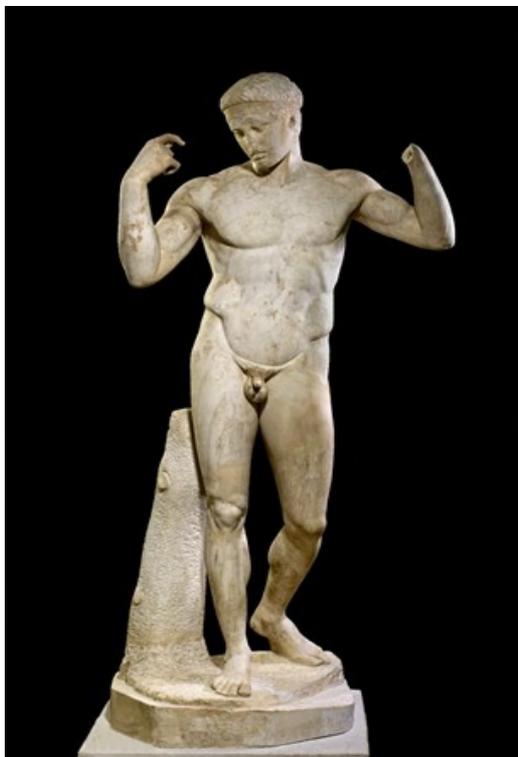


Figura 9
Diadúmeno, cópia romana, século II d.C.
Museu Britânico

Tendo observado a disposição da fita da vitória na Figura 9, agora se vê uma escultura datada do período helenístico, na qual está representado o rei Ptolomeu V em posição de vantagem em uma luta contra um adversário:

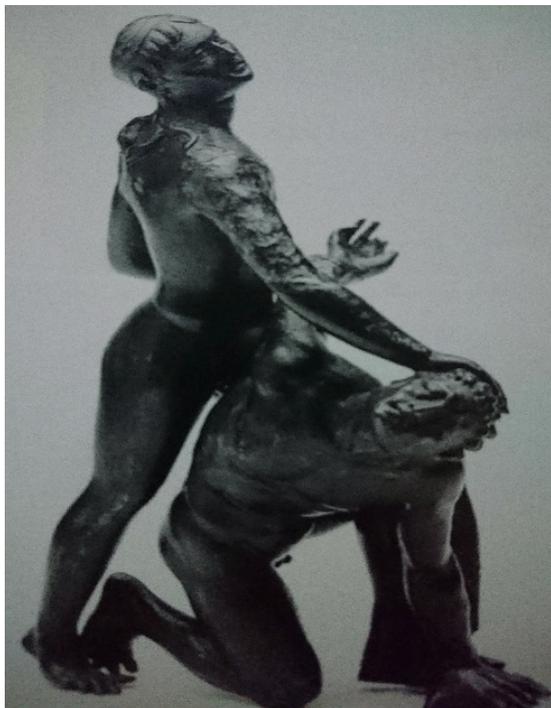


Figura 10

Ptolomeu V

Fonte: LEHAMN, 2007, p. 198.

Na Figura 10, o rei Ptolomeu V é representado não apenas como um atleta, mas como um atleta vitorioso no combate corpo a corpo. De fato, assim como a imagem sugere, o conceito de vitória se comporta como tema central para a representação real helenística, sendo o grande interesse grego pela competitividade esportiva o seu maior fator influenciador (STROOTMAN, 2007). Todavia, o diadema não se revela exatamente como o mesmo adereço que a fita da vitória grega, uma vez que, como inferido a partir da observação das duas imagens, esses dois

objetos diferem muito em sua forma e uso. Em Diadúmeno, o atleta é representado com uma fita posicionada na parte central da testa sem nenhuma sobra atrás (nesse sentido, a fita da vitória se assemelha mais à mitra dionisiaca, sendo, inclusive, por vezes, correlacionada com ela). Na figura de Ptolomeu, o rei aparece trajando o maior símbolo de seu poder, o diadema, em uma posição condizente, isto é, amarrado acima da testa com duas longas sobras sobre a nuca. Assim sendo, o rei se comporta como um típico rei helenístico, revestido pela aura de vitória em combate, e não usa uma fita da vitória para representar-se dessa forma, mas um diadema real, o grande atributo de sua posição.

Além disso, outro problema verificado para a identificação da origem do diadema nas *tainai* seria o fato de que a fita da vitória, ao contrário do diadema, se caracteriza por ser um adereço de caráter estritamente individual, entregue a um atleta por um feito esportivo específico. O diadema real se configura como um atributo político passado de geração em geração, detendo, assim, a função de transmitir o poder real de um indivíduo a outro (CURT., 10.6.4; DIOD., 18.60.5). Sabendo disso, a tese de que o uso das *tainai* está na origem do diadema falha também pela falta de evidências de que tenha existido em algum momento conexão entre essa fita da vitória e o poder político (COLLINS, 2008). Assim, a identificação direta do diadema tendo as suas origens apenas na fita da vitória grega é problemática.

Posto isso, ainda cabe dizer que, para além das especificidades da mitra dionisiaca e da fita da vitória grega, uma adoção do diadema com uma origem somente grega não faria sentido algum em se tratando de uma insígnia que se comportava como o símbolo materializador de um poder monárquico que tinha um alcance que ia muito além das fronteiras gregas, não apenas com Alexandre, mas também com os seus sucessores. Caso o diadema o fosse, apenas não poderia ter o efeito esperado, ou seja, de legitimação, tendo em conta que, em insígnias reais, deve estar presente a ideologia invisível que valida politicamente quem as usa e, em um diadema de origem estrita grega, os componentes não gregos do império não se

identificariam. Logo, uma concepção da origem do diadema em uma fonte exclusivamente grega, seja ela por Dioniso, ou pela fita da vitória, parece errada desde o princípio.

1.2.3. Origem persa

A teoria mais popular para a origem do diadema é aquela que compreende que a insígnia foi adotada a partir de uma influência persa sobre Alexandre, e seu maior defensor foi Ritter (1965; 1987)²⁹, para quem Alexandre emularia com o uso da *kausia* e do diadema a combinação tipicamente persa da tiara com o diadema. Sobre isso, de acordo com Novák, cabe ressaltar que existia na Mesopotâmia, havia muito tempo, uma tradição de uso de uma fita têxtil ao redor da cabeça que pode ser explicada, inclusive, em função das condições climáticas da região. Na Figura 11, exibe-se uma representação do antigo Império Babilônico do início do segundo milênio na qual se vê claramente o uso desse tipo de adereço por um casal.

Sobre isso, sabe-se da existência do uso extensivo de fitas amarradas na cabeça a partir de textos acádios e sumérios por um grupo bastante plural de pessoas, isto é, homens e mulheres de diversas classes sociais. Pode-se dizer, sim, que a faixa têxtil usada na cabeça permaneceu na história mesopotâmica como um adereço constante e popular em diversos contextos e com diversas funções ao longo de milênios. No entanto, é durante o período Neoassírio que se percebe o uso do diadema com caráter tipicamente real. Assim, inserido na tradição monárquica assíria, é verificado tanto o uso de uma tiara (*agû*) quanto o uso do diadema (*kululu*) com funções reais e espirituais apenas pelo rei assírio. Na sequência, uma representação do rei Assírio Tiglath Pileser III, trajando o *agû* e o *kululu*.

²⁹ Ver também BOSWORTH, 1993, p.158.



Figura 11
Representação de terracota de um casal de Girsu, 1900 a.C.
Fonte: NOVÁK, 2009, p. 11.



Figura 12
Representação de Tiglath Pileser III, 745-727
Fonte: NOVÁK, 2009, p. 22.

Como já mencionado, a tiara se portava como um item fundamental da indumentária real persa, sendo de uso exclusivo dos reis. De maneira a verificar o uso do diadema pelos reis persas, uma forte evidência para isso está em uma tradição encontrada nas fontes em que o diadema é apontado como um item persa adotado por Alexandre junto a outros elementos estrangeiros após a morte de Dario II em 330 a.C. (DIOD., 17.77.5-6; JUST., 12.3.8; CURT., 6.6.4). Entretanto, como já dito, entende-se que essa informação pode ter sido fruto de um erro, ocorrido mediante uma possível confusão por parte da fonte utilizada por esses autores (Cleitarco) que, por sua vez, pode ter correlacionado a adoção de vários itens da indumentária persa e do diadema como parte do mesmo evento, o que parece pouco provável dada a importância distinta do diadema para Alexandre (COLLINS, 2008). Dessa maneira, ao contrário do que relatam as fontes advindas de Cleitarco, é mais coerente pensar que a adoção do diadema como *regalia* não se deu no momento da incorporação de itens persas, mas durante um evento oficial de grandes proporções após a batalha de Gaugamela, quando Alexandre foi intitulado pelo exército como Senhor da Ásia (PLUT., 34.1).

Todavia, ainda há o relato de Xenofonte, escrito tempos antes da expedição de Alexandre (ou seja, uma descrição de uma natureza distinta daquela oriunda de Cleitarco), no qual o diadema é mencionado entre os adereços usados pelo fundador da dinastia Aquemênida, Ciro II:

Em seguida, o próprio rei Ciro aparecia em uma carruagem, vestindo a sua tiara (ὀρθὴν ἔχων τὴν τιάραν) e a sua túnica branca com uma listra branca, apenas usadas pelo rei[...]. Ele também usava uma fita amarrada ao redor da cabeça, assim como os seus *sungeneis*, que a usavam como um sinal de distinção, e eles fazem isso até os dias atuais³⁰. (XEN., *Cyr.*, 8.3.13)

Ainda quanto à ornamentação real persa, Quinto Cúrcio também relata

³⁰ No original, em grego: ἐπὶ δὲ τούτοις ἤδη αὐτὸς ἐκ τῶν πυλῶν προουφαίμετο ὁ Κύρος ἐφ' ἄρματος ὀρθὴν ἔχων τὴν τιάραν καὶ χιτῶνα πορφυροῦν μεσόλευκον (ἄλλω δ' οὐκ ἔξεστι μεσόλευκον ἔχειν).

que, junto com a *kidaris*, o rei dos aquemênidas portava uma fita que variava entre a cor azul (*coerulea*) e a cor branca (*albo*) (QUINTO CÚRCIO, 3.3.17). Desse modo, parece ser plausível pensar que, de fato, havia na tradição monárquica aquemênida, mesmo com uma escassez perturbadora de iconografia real persa que corrobore essa ideia (SMITH, 1988), o uso por parte do Grande Rei de uma fita que, usada junto com a tiara *orthe*, fazia parte da indumentária oficial dos reis. Com isso, é importante observar que, para além de uma influência política, no forjamento de impérios universais, o Império Neoassírio exerceu também forte impacto no caráter simbólico da monarquia aquemênida, dado que a influência assíria no uso real da tiara e do diadema persas são nada menos do que prováveis. Essa influência no caráter simbólico da representação real ainda pode ser vista em outros momentos, por exemplo, na imagem dos selos reais assírios que apresentam a figura do rei em combate com um leão em postura ereta, o que também pode ser observado em representações reais dos reis persas em Persépolis (NOVÁK, 2009).

Essa concepção, de um diadema oriundo de uma cultura política persa, tem colaborado nas últimas décadas para o fortalecimento da ideia, tomada muitas vezes como verdade irrefutável, de que Alexandre sucedeu a Dario como herdeiro do legado aquemênida, já que, tendo o diadema uma origem persa e tendo ele se tornado a grande insígnia de sua representação real, Alexandre assumia a monarquia persa. Contudo, de maneira a contestar essa versão, no relato de Xenofonte, está expresso que o uso desse adereço não se resumia ao uso do Grande Rei, mas era estendido a todos aqueles mais próximos a ele (*syngeneis*) como um símbolo de distinção. Segundo Wiesehöfer (2009), esses *syngeneis*, mencionados por Xenofonte, podem ser identificados a partir da análise de um relato de Quinto Cúrcio sobre os indivíduos que acompanhavam o rei aquemênida. Nessa descrição, Quinto Cúrcio diz que o Grande Rei era acompanhado por cerca de quinze mil *cognati* que, levando em consideração o alto quantitativo, dificilmente tivessem todos uma relação sanguínea com o rei. Todavia, mais adiante, Quinto Cúrcio distingue entre

esses *cognati* cerca de duzentos indivíduos, chamados por ele de *propinquorum*, que provavelmente, nesses termos, seriam aqueles com uma relação de nascimento mais próxima do rei persa, seus parentes de fato. Dessa maneira, faz sentido pensar que os *syngeneis*, assim chamados por Xenofonte, são os mesmos *propinquorum* de Quinto Cúrcio, isto é, pessoas ligadas por sangue ao rei persa que usavam como símbolo de distinção um diadema, assim como o próprio rei.

Sabendo, portanto, que o diadema persa era usado não apenas pelo Grande Rei, mas compartilhado entre as pessoas mais próximas a ele (*propinquorum*), há aqui graves problema para se localizar o diadema de Alexandre como sendo exatamente o mesmo adereço usado pelos persas. Isso porque, apesar de existir uma tradição entre os Grandes Reis de uso de um diadema, este não era um item exclusivo de sua representação real, ao contrário do que foi para Alexandre e para os reis helenísticos. Além disso, assim como é problemático identificar apenas uma origem grega para o diadema em um território tão heterogêneo, o mesmo se passa com uma possível estrita origem persa do diadema. Afinal, um império que tinha em sua certidão de nascimento o mundo grego, uma *regalia* com uma origem exclusiva persa não poderia causar o efeito legitimador necessário para a consolidação do poder real de Alexandre e, em seguida, dos reis helenísticos. Logo, uma identificação direta entre o diadema persa e o diadema real helenístico também é falha.

1.2.4. Conclusão sobre a origem do diadema real helenístico

O diadema real helenístico, criado por Alexandre durante a sua expedição asiática e usado pelos chamados reis helenísticos após a sua morte, foi uma insígnia que, nesse contexto, se comportou como uma *regalia*, materializando em si todo o poder real desses soberanos. Como visto, o lugar de onde Alexandre sacou o diadema para se tornar o maior símbolo de seu poder é obscuro, havendo uma relevante quantidade de teses que

têm por objetivo desvendar essa questão. Tendo passado pelos pontos principais de todas essas teorias, ficou claro que todas apresentam fortes argumentos a seu favor, no entanto nenhuma delas se encaixa perfeitamente em forma e ou em significado naquele que foi o grande símbolo do período helenístico.

Esse labirinto de ideias, ao contrário de apenas provocar uma confusão que levaria à inconclusão, se revela, na verdade, como a grande evidência para a questão sobre a natureza do império conquistado por Alexandre. Isso porque, como já indicado, e assim como sugerido por Collins (2008) e Strootman (2009), o diadema, ao não se identificar exatamente com nenhuma origem específica, pode ser visto como um objeto que faz confluir em si todas essas origens ao mesmo tempo. Melhor dizendo, a adoção de uma nova insígnia por Alexandre se configura primeiro como uma necessidade, afinal, um novo império acabava de ser criado. Desse modo, novas insígnias eram requisitadas. Em função dessa necessidade de criação de novas ferramentas de legitimação, a adoção do diadema se revela como o grande símbolo dessa atitude, dado que não se identifica diretamente com nenhuma parte específica do território conquistado, seja ela macedônica, grega, ou asiática, ao mesmo tempo em que não se comportava como elemento estranho a nenhum desses súditos, velhos e novos. Dessa maneira, a *regalia* adotada pelo rei macedônio após a derradeira batalha de Gaugamela se portava como uma insígnia que conversava com todas as partes do império, ao passo que indicava a todos que havia ali também mudanças importantes: a tiara, grande símbolo persa, havia sido descartada, e as *poleis* gregas não mais respondiam por si, mas a um rei que, inclusive, adotou itens da indumentária aquemênida. Portanto, o Império Persa não existia mais, a resistência grega a uma dominação que ultrapassava os limites do mar Egeu havia finalmente fraquejado e o diadema facilitava a todos a visualização desse novo momento.

Todas essas propriedades do diadema indicam que Alexandre tinha consciência de que seu poder não poderia se limitar a simples acumulação

de territórios, mas deveria ser apoiado em uma clientela que enxergasse nele um novo líder capaz de fazê-los prosperar e que poderia fazer de Alexandre, de fato, rei. Nesses termos, o diadema deve ser adequado ao conceito de *investimento simbólico* de Bourdieu (1995³¹), isto é, um artifício usado para garantir a aquisição da verdadeira riqueza, ou *capital simbólico*, que, no caso específico de Alexandre, se configuraria como a nobreza grega e não grega que lhe possibilitariam governar os territórios conquistados, afinal, são as pessoas que conferem poder, e não coisas ou terras. Sem o apoio dessas elites, dificilmente Alexandre poderia governar todo o grande território apoderado. Assim, o diadema comporta-se como um facilitador para o objetivo final, que era ter a soberania de um grande império.

1.3. Disputa entre os sucessores e a incorporação do diadema com regalia helenística

Em seu leito de morte, ao ser perguntado sobre quem deveria sucedê-lo como legítimo rei do novo grande império conquistado, Alexandre teria dito: “Ao melhor homem, dado que vejo que um grande combate entre os meus amigos será os meus jogos funerários” (DIOD., 18.1.4)³². A morte de Alexandre, em junho de 323 a.C., na Babilônia, deixou mais perguntas do que respostas, afinal, o rei havia falhado em não deixar claro quem seria o seu sucessor. Além disso, figuras políticas importantes da Macedônia haviam morrido na última década, como Heféstion – possivelmente o preferido de Alexandre (ARR., 2.7.7-7.14.8; PLUT., *Alex.*, 47.5) –, Parmenion, Filotas e Clito, e mesmo no caso de Antípatro que permanecia na regência do reino macedônico, Cratero já havia recebido ordens para retornar à Macedônia com cerca de dez mil homens para assumir a sua posição (ARR., 7.12.4). Dessa maneira, Alexandre não havia criado

³¹ BOURDIEU, Pierre. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

³² No original, em grego: προορώμαι γὰρ ἐπιτάφιον μέγαν ἀγῶνα γενησόμενόν μοι τῶν φίλων.

estruturas permanentes para a sustentação do império que acabara de ser conquistado. Os únicos com alguma legitimidade para assumir o legado do rei logo após a sua morte seriam o seu filho com Roxana, que, por sinal, não havia nascido, e o seu mentalmente incapaz irmão, Filipe Arrideu (PLUT., *Alex.*, 77.4), ou seja, o sinal verde para o início de um grande conflito pelo poder estava dado. A chamada Guerra dos Diádocos, que deu origem aos três grandes reinos helenísticos (Antigônida, Ptolomaico e Selêucida)³³, colocou frente a frente aqueles que desejavam assumir o grande legado deixado por Alexandre. Assim, o sonho de um grande império ainda persistiu, ao passo que todas as dinastias que seguiram se percebiam como verdadeiras sucessoras do antigo rei. Uma complicada série de eventos, mistura de várias tradições e o surgimento naquele contexto de algumas poderosas personalidades criaram o que se chama hoje de período helenístico³⁴.

Após a morte do único descendente e herdeiro legítimo de Alexandre – Alexandre IV –, morto em segredo por Cassandro, na Macedônia, em 309 a.C., o caminho para a instituição de novas monarquias pessoais estava aberto. Isso porque, até então, os novos reis governavam em nome do filho de Alexandre, mas, com essa possibilidade eliminada, estava claro para todos que a ficção de que ainda existia uma dinastia Argeada não se sustentava mais. Nesses termos, tem-se, em 306 a.C., o que é chamado

³³ Dinastias criadas após a morte de Alexandre que competiram entre si para assumir o legado do rei macedônio. Essa assunção do império de Alexandre se manifestava mediante o uso do diadema, que, por sua vez, não fazia referência a uma específica faixa de terra, mas ao poder monárquico de Alexandre. Assim, esse grupo deve ser visto de maneira distinta de outra parcela de reis helenísticos, que também adotaram o diadema, mas não pertenciam a uma tradição tão ligada a Alexandre (HAAKE, 2009).

³⁴ Apesar de ter sido por muito tempo um período taxado pela historiografia como um período marginal diante da grandeza do período clássico, visto, dessa maneira, como um momento marcado pela decadência do mundo grego, o estudo do período helenístico ainda engatinha e tem sido redescoberto nas últimas décadas pelos antiquistas. Uma razão para isso seria o fato de que o referido período ainda careceria de maior interação entre as mais diversas áreas do conhecimento – arqueologia, filosofia, antropologia –, como há muito é feito com o período clássico, por exemplo, com o fito de ampliar a discussões sobre as mais diversas questões pertinentes a esse recorte. Assim sendo, observa-se que, nas últimas décadas, os estudos sobre o período helenístico têm ganhado fôlego vigoroso com a apresentação de novas respostas e de novas perguntas.

de “o ano dos reis” (HAAKE, 2009), quando se pode falar em uma fundação, de fato, das monarquias helenísticas.

Nesse sentido, após a vitória de seu filho Demétrio contra Ptolomeu, em Salamina, Antígono Monophtalmus, entusiasmado (*meteorizo*) com o grande êxito, assumiu o diadema e o título de *basileus*, permitindo a seu filho que também usasse o adereço e o título de rei (DIOD., 20.53.2). Em função disso, para não encarnar uma aura de derrotado, Ptolomeu, dono do Egito já desde a morte de Alexandre, repetiu o mesmo gesto, assumindo-se como rei, assim como outros de seus concorrentes:

Ptolomeu, no entanto, não tão humilde de espírito pela sua derrota também assumiu o diadema e o seu título de rei (*basileus*). De modo similar, em rivalidade com eles, os outros também passaram a se chamar de reis: Seleuco, que havia recentemente conquistado algumas satrapias, e Lisímaco e Cassandro, que ainda asseguravam os territórios originalmente designados a eles³⁵. (DIOD., 20.53.3-4)

Como visto, a própria ruptura protagonizada pelos *Diadochi* com a criação de novas monarquias exigiu o uso de velhas formas de legitimação amparadas em Alexandre para garantir a governança. O diadema, bem como o título de *basileus*, se popularizou para além de um atributo exclusivo dos monarcas das dinastias Ptolomaica, Antigônida e Selêucida, podendo ter o seu uso observado por todas as monarquias da Ásia Menor pelos séculos seguintes, incluindo os Atálidas, a Bactria, a Armênia, a Judeia, os reis partos, entre outros. Essa tradição do uso do diadema como símbolo real chegou, inclusive, a períodos mais tardios, tendo o adereço sido usado também por imperadores romanos e bizantinos, o que teria influenciado a criação, tempos depois, das famosas coroas

³⁵ No original, em grego: ὁ δὲ Πτολεμαῖος οὐδὲν τῇ ψυχῇ ταπεινωθεὶς διὰ τὴν ἥτταν καὶ αὐτὸς ὁμοίως ἀνέλαβε τὸ διάδημα καὶ πρὸς ἅπαντας ἀνέγραψεν ἑαυτὸν βασιλεῖα. Παραπλησίως δὲ τούτοις καὶ οἱ λοιποὶ δυνάσται ζηλοτυπήσαντες ἀνηγόρευον ἑαυτοὺς βασιλεῖς, Σέλευκος μὲν προσφάτως τὰς ἄνω σατραπείας προσκεκτημένος, Λυσίμαχος δὲ καὶ Κάσανδρος τὰς ἐξ ἀρχῆς δοθείσας μερίδας διατηροῦντες. ἡμεῖς δὲ περὶ τούτων ἰκανῶς εἰρηκότες ἐν μέρει διέξιμεν περὶ τῶν κατὰ Λιβύην καὶ Σικελίαν πραχθέντων.

medievais, como símbolo da monarquia por excelência (STROOTMAN, 2007).

Portanto, a criação das chamadas monarquias helenísticas marca um momento novo em que tradições são misturadas e apropriadas. O diadema, nesse cenário, se comportou como um adereço que se vinculava ao antigo rei, como agente legitimador, ao mesmo passo em que instituiu de uma vez por todas o fim da dinastia Argeada, abrindo espaço para um novo período que, no entanto, nunca se esqueceria do grandioso império conquistado por Alexandre.